Título do resumo

"O Mundo do Samba e o Protagonismo Negro de Jorge da Paz Almeida em busca da Institucionalização do Carnaval de Campos dos Goytacazes RJ"

MESTRANDO: Olivier Almeida Filho; Orientadora: Lilian Ságio Cézar

A presente comunicação **"O Mundo do Samba e o Protagonismo Negro de Jorge da Paz Almeida em busca da Institucionalização do Carnaval de Campos dos Goytacazes RJ"** têm como objetivo a análise dos processos locais de institucionalização do carnaval de Campos dos Goytacazes, compreendendo como o formato dos desfiles de escola de samba da capital acabou por se tornar hegemônico no Estado. Por meio da história de vida e biografia do renomado sambista Jorge da Paz Almeida, também conhecido como Jorge da Paz ou Jorge Chinês, apresentarmos os meandros da relação entre essa manifestação cultural afro-brasileira e a construção de políticas públicas que legitimam e, ao longo do tempo, passaram a custear a construção dessa festa. Segundo Dolabela, (2008) protagonista é alguém que acredita que pode alterar o mundo, sendo nesse processo autor de si mesmo e da comunidade em que vive. A partir da noção de protagonismo alcançamos o entendimento dos processos entabulados por Jorge da Paz enquanto protagonista do carnaval campista que negociou diuturnamente com instâncias de poder público e privado, para resolver as demandas do carnaval em épocas "gordas" ou "magras", conseguindo ao longo de sua vida colocar sua agremiação na rua para a concretização de seus desfiles. Mergulhado na tradição do samba, Jorge da Paz conheceu demandas, anseios, padrões estéticos, saberes e fazeres a ele associado. Desde dentro dessa festa, Jorge da Paz assumiu com destreza e perspicácia a missão de mediar e explicitar, na composição de letras de sambas-enredos, os padrões estéticos, saberes e conflitos enfrentados por ele em conjunto com seus companheiros de escola de samba, em meio ao cotidiano de preconceito racial e desigualdade de oportunidades e renda, que tanto marcam a vida do negro no Brasil. A Constituição Federal de 1988, além da criminalização ao racismo, trouxe elementos importantes para ampliar o reconhecimento de direitos visando proteger as manifestações culturais indígenas e afro-brasileiras (art. 215). Foi nesse período que se referendou a proposta de ruptura feita pelo movimento afro da década de 1970 de reconhecer o dia 20 de Novembro como data comemorativa pelo fim da escravidão no Brasil em contraposição ao 13 de Maio, data da assinatura da Lei Aurea. Essa foi a forma encontrada do Movimento Negro de marcar o repudio à história oficial do abolicionismo, homenageando o líder negro Zumbi dos Palmares como herói nacional contra a escravidão. Essa virada é primordial para a compreensão das bases do reconhecimento do protagonismo negro no Brasil contemporâneo. Esse reconhecimento público e político é parte da luta do negro contra a escravidão (que perdurou quatro séculos no Brasil) que reivindica o direito à memória e reconhecimento da importância da história da luta e protagonismo das milhões de pessoas que forçosamente viveram no Brasil, escravizados e dominados pela elite branca católica. Esse reconhecimento diz respeito ao direito à história e à valorização das matrizes de África vindas e atualizadas no Novo Mundo (FLORES, 2006). A Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003

torna obrigatório o ensino da história e cultura a partir da inclusão dos estudos da história da África e dos africanos; a cultura afro-brasileira e o protagonismo dos negros no Brasil para a formação da sociedade nacional. A lei preconiza que tais conteúdos sejam misturados no âmbito de todo o currículo escolar das disciplinas de História, Artes e Literatura. Ao longo das últimas três décadas as pesquisas em História, Antropologia, Arqueologia, Arte e Linguística construíram metodologias e técnicas capazes de assegurar o uso das fontes orais para a obtenção de dados de pesquisa. Isso permitiu uma revisão e ampliação das investigações sobre as características e especificidades da história e formas de organização social de populações negras no país e no mundo pós-colonial. Há, porém uma defasagem entre a ampliação dessa produção acadêmica e sua abordagem na construção de materiais didáticos e paradidáticos. Encontramos na história local subsídios para a descrição e análise do protagonismo negro desempenhado por Jorge da Paz e outros mestres do samba regional para a construção da maior festa popular da cidade. É interessante notar a falta de documentos sobre a organização das escolas de samba. Segundo Natal (2012), no mundo do samba em geral a memória oral costuma assumir papel de grande relevância. A prática da preservação da memória escrita e documental pelas escolas de samba não ocorre de forma oficial, e não há nenhuma política sistematizada de registro, resgate ou armazenamento da sua história no tempo presente, pelas agremiações. Logo, a tradição oral e formas de transmissão de conhecimento a partir da oralidade, se tornam importantes diante da sociedade envolvente, cada vez mais midiatizada e organizada a partir de princípios de racionalidade contábil e histórica. Caberá ao pesquisador a tarefa de entrevistar sambistas, recolher documentos, cruzar e analisar a partir da triangulação de dados, de maneira a operacionalizar o confronto de conteúdos dos depoimentos numa tentativa de diminuir os efeitos da subjetividade, da qual a oralidade é resultado (FERREIRA; AMADO, 1988). Essa subjetividade é característica inerente à oralidade e, por conseguinte, ao próprio meio social do narrador, que nesse artigo serão os sambistas. Segundo Leite (1992) a palavra no contexto negro-africano, constitui um universo concreto revelador das principais proposições históricas de uma dada sociedade, sendo capaz de explicar a organização do mundo e da realidade, bem como, as práticas sociais globais, a captação, exercício, acúmulo e transmissão de conhecimentos, segundo valores civilizatórios próprios, nascidos de sua identidade profunda . Nas sociedades negro-africanas a palavra se impõe à escrita, constituindo o limite máximo do conhecimento e da comunicação. A palavra, fruto direto das práticas mnemônicas que se estabelece gerando vínculos de reciprocidade entre mestre e aprendiz, não deve ser confundida com oralidade humana, embora essa seja um de seus instrumentos de manifestação. A palavra ancestral dentro dos princípios que definem a senioridade e a sabedoria, invoca a jurisprudência dos antepassados para a solução de problemas, constituindo universo privilegiado da identidade profunda dessas sociedades. Abrange certamente um extenso leque de realidades e proposições, inclusive aquela dimensão das práticas cotidianas. Compreendemos o mundo do samba como universo cultural que se proclamam herdeiros da experiência africana no país, constituindo redes comunitárias que estabelecem diálogos e relações identitárias a partir da própria festa. A partir dessa constatação trouxemos para discussão as contribuições de Jorge da Paz para a institucionalização do Carnaval de Campos RJ. Propondo com isso contribuir para a ampliação dos conhecimentos sobre o samba enquanto expressão das tradições orais

afro-brasileira e, concomitantemente, oferecer subsídios para a produção local de materiais didáticos e paradidáticos voltados para a Lei 10.639/ 2003. O Carnaval, como qualquer festa, ocupa tempo e espaço definidos, sendo fruto de ações coletivas que envolvem emoções, afetos, celebração ou comemoração de algo que assim se torna extraordinário. Há uma confluência de ações sociais cuja destinação é a própria realização da Festa. Ela é produto da realidade social e expressa conflitos tensões e censuras. Nas primeiras décadas do século XX o Carnaval da cidade do Rio de Janeiro sofrera transformações que acabaram por organizá-lo. Esse Carnaval sintetizou as categorias de bailes de grandes sociedades, ranchos, blocos, e cordões no que se denominou Escola de Samba (Ferreira, 2004) Esse modelo foi generalizado e posteriormente se transformou na maior expressão do Carnaval brasileiro. Após os anos 1940, o Carnaval brasileiro vai seguir por dois caminhos aparentemente divergentes. Por um lado, o fabuloso crescimento da folia carioca, com suas escolas de samba adquirindo uma projeção cada vez maior, faria com que este continuasse sendo o modelo para as festas carnavalescas nas diversas cidades do país. O Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro pouco a pouco se tornaria o símbolo da folia brasileira, projetando o Carnaval brasileiro como a maior festa popular do mundo. O carnaval, por assim dizer é a maior festa popular do planeta. Por ser popular, produzida pelas massas à margem da cultura oficial nos seus primórdios é olhada pela elite com preconceito e desconfiança. Mas com o tempo essas mesmas elites se encantam passando, passando a consumir, participar e se apoderar da festa. O Carnaval de Campos dos Goytacazes, assim como de outros rincões brasileiros, iniciou-se com o Entrudo, uma brincadeira portuguesa que apesar de ser tida como brincadeira de mal gosto alegrou os carnavais pelos Brasis afora. Começava com guerra de limões recheados com água de cheiro, passando por baldes d'agua e farinha de trigo até o auge das latas de urina. A ponto de em 1861, o Presidente da Câmara da Vila de São Salvador dos Campos, Barão de Carapebus, baixar um edital proibindo o Entrudo, prescrevendo, multa que para o caso dos escravos poderia ser substituída por 50 açoites no pelourinho. Mas em se tratando de Carnaval, o dito edital acabou por não ser completamente respeitado pelos moradores da Vila que alteraram a conduta a partir do emprego de limões de cheiro. Segundo Rodrigues (1988). Ainda segundo Rodrigues (1988) os préstitos, desfiles das grandes sociedades carnavalescas, começaram em Campos no ano de 1857, ano que foi criada a primeira organização carnavalesca a "Sociedade Congresso Carnavalesco" (com sede na rua Sacramento) na época existiam cerca de 157 carruagens que desfilavam pelas ruas de Campos; em 1869 surge o "Clube Zenith Carnavalesco; em 1870 foi a vez da "Sociedade Az de Copas" (que ficou famosa e provocou escândalo uma vez que os homens saíram todos fantasiados de mulher).

Na década de 1870 surgiria o "Clube Macarroni" que juntamente com o "Tenentes de Plutão" e o Indiano Goytacaz" iriam acender uma rivalidade que marcaria o Carnaval da época. Na década de 1910 surgiram os cordões de índios, os blocos e os ranchos, além dos grandes clubes. Deve-se notar que o Carnaval de época a aristocracia canavieira esquentava os Bailes de Gala do Automóvel Clube Fluminense e no Clube Saldanha da Gama a burguesia reverenciava o carnaval sendo observada de cima e à distância pelos aristocratas. Na década de 1925 as grandes sociedades carnavalescas começavam a dar sinal de cansaço a exemplo dos Tenentes de Plutão, Clube Macarroni e Indianos Goitacazes que sofriam a falta de pessoas. O último ano em que Tenentes de Plutão e Macarrone tentaram botar seus préstitos

na rua, "fazer o carnaval", foi de 1946(...) As escolas de samba começaram a se organizar mas com nomes de escolas do Rio: Salgueiro", "Madureira" (1938), "Unidos da Tijuca", "Bando da Lua" (Lapa). Até que foram mudando os nomes. "Amigos da Farra", "Mocidade Louca" "1958). Jorge da Paz Almeida dá como início à fase de ouro das escolas campistas em 1965. Em 1970 foi fundada a UBSC - União dos Blocos de Samba de Campos, primeira entidade carnavalesca do município. Já em 1978 passou a existir a AESC - Associação das Escolas de Samba de Campos sob a presidência de Jorge da Paz Almeida. Ainda na referida década a cidade de Campos foi escolhida para sediar o 4º Simpósio Nacional do samba deixando clara a importância de Jorge da Paz no mundo do Samba. Este evento solidificou de vez a responsabilidade da AESC na organização dos desfiles das escolas de samba campistas, em detrimento da Federação das Escolas de Samba que o poder público desejava impor como sua organizadora. Sua ida para a cidade do Rio de Janeiro para servir o exército na década de 1930 foi providencial. Lá entrou em contato com as Escolas de Samba cariocas e conseguiu se projetar no meio conhecendo pessoas importantes do Carnaval crescente do Rio de Janeiro. Lá ele se formou, locupletou dos saberes do Carnaval, das mudanças na batida e no formato da festa. O que lhe propiciou na sua volta a Campos um papel de protagonista na construção de entidades e associações germinais para a institucionalização do Carnaval na cidade. Jorge da Paz, ao longo de sua vida assumiu diferente papeis. Saiu do Morrinho, nas franjas da cidade, pobre e desassistido de políticas sociais para ser protagonista na busca da construção de condições para a integração do negro na sociedade brasileira. Trabalhou na Recebedoria de Rendas por 5 anos quando foi transferido para o colégio estadual Liceu de Humanidade de Campos onde exerceu a função de auxiliar até de chefe de disciplina, ali permanecendo por mais 34 anos. Foi jogador de futebol, bedel do Colégio Liceu de Humanidades de Campos, sambista, fundador da Escola de Samba a Academia de Ritmos Mocidade Louca, contribuiu na formação do bloco de Carnaval "Os Psicodélicos" dando as cores do seu time Fluminense para essa agremiação. Como bedel do Colégio Liceu de Humanidades de Campos, transitou no mundo das elites, lendo as suas demandas, fazendo o mesmo na sua comunidade, podendo fazer a mediação entre esses mundos socializando o samba, trazendo para desfilar na sua Escola de Samba, Academia de Ritmos Mocidade Louca, membros da elite campista além de professores e estudantes do Liceu. Com a habilidade de um mediador cultural, além de conseguir recursos junto à iniciativa privada e o poder público, popularizou o samba, sociabilizando-o em Campos dos Goytacazes RJ.

O conceito de cultura do samba articula território e tradições apontando que o samba não é somente um gênero musical, constituindo um conjunto de relações sociais dos grupos que valorizam coletivamente uma memória que se remete à África e às expressões estéticas a ela associadas que circulam pelos ambientes frequentados pelos sambistas, como as escolas de samba, bairros, morros, ruas, praças, botequim na cidade. Comemoramos o Centenário de Jorge da Paz em 2016, na visão de Gramsci um "Intelectual Orgânico do Samba" (SEMERARO 2006). Transitou tanto no mundo do samba campista quanto no carioca construindo carnavais, escolas e blocos de samba e, também buscou influenciar na criação de políticas públicas para a cultura local. Exerceu o papel de mediador cultural (LIFCHILTZ: 2013), elemento fundamental no mundo do samba onde são construídos ressignificados,

costumes, sociabilidade, solidariedade, afirmação de valores, afirmação de identidade no mundo social, política e étnica e ao mesmo tempo em que há um processo de troca.

Palavras-chave: Protagonismo Negro, Carnaval de Campose Mundo do Samba

Instituição de fomento: UENF